

A lição da pintura

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo*

— Carlos Drummond de Andrade

Heron P. Nogueira — artista brasileiro temporariamente vivendo em Portugal — traz, na sua memória brasileira da arte, elementos e signos que, sob a luz europeia e doce que o acolhe agora, ganham uma dimensão encantatória: como se essa luz redesenhasse as suas formas e as convertesse, renovadas, numa atmosfera suspensa, quase metafísica, de que parecem nascer. Ele compreendeu, evidentemente, a lição de simplificação que o grande pintor Alfredo Volpi trouxe cedo para a arte brasileira, inigualável de simplicidade e de depuração, o valor do pequeno gesto limpo de certezas, ou da imagem breve e quase sofisticada que passa como um impulso na arte extraordinária de Leonilsson, a economia grave e delicada, propriamente franciscana, de Efraim de Almeida, o fulgor e precisão da linha em Lígya Pape. Entre tantos outros mais. Essa memória habita no seu mais fundo *desejo de pintura* precisamente porque a sua obra, recente embora, reclama, de quem o possa entender no fulgor breve das suas imagens simples na aparência, que elas bebem da inesgotável fonte dessa grande arte, longamente desconhecida na Europa, de que afinal nasceram, feitas desejo de encontrar música própria.

Assim ela nos surpreende. O seu modo é o de um eco, o da procura de uma luz singular, própria e quase transparente que reverbera fios de memória, cores, sons, murmúrios, ritmos, lendas e sombras que atravessam o espaço da tela, ou o do papel e que, em apontamentos breves, rápidos, preguiçosos quase, na cadência doce de um aparente *não-esforço* em que se esconde o talento do artista, conjugam todavia a exemplar sensibilidade que se reinventa a cada gesto, a cada pincelada, a cada intensidade de cor apenas pousada sobre a superfície. Jarros de flores que dialogam com Tarsila, formas simples sem figura que evocam Volpi, paisagens quase invisíveis que chamam pelas imagens que a memória conservou daquela luz abençoada do vasto país de origem. E a essa *sabedoria da pintura* sabe ele mostrá-la em gestos breves nos pequenos écras dos quadros que quase sussurram, de um tom menor e discreto, subtil, que jamais se quer do lado da grande forma, antes entende o fazer da arte numa linha de extrema economia e sensibilidade.

Porque Heron sabe que todo o sentimento pede um dizer subtil, capaz de reverberar, no tempo, a doçura do mundo. É doce esse modo que o artista escolheu, essa ideia de uma pintura que é, afinal, da mesma natureza de simplicidade que a melodia breve daquelas *goyescas* de Granados, ou a das *bachianas* de Villalobos ou até a de uma velha toada vinda do sertão profundo em que a terra estremece sob o calor da noite. Ou seja, um modo discreto de evidenciar um *sentimento do mundo* como se reportando-o a um qualquer momento do seu singular nascimento: o nascimento de um jarro de vidro, idêntico do nascimento de uma flor, o nascimento de um livro idêntico de uma paisagem e assim porque, no seu eco comum, todas as coisas do mundo devem reverberar por igual no calmo olhar dos homens se este conservar em si o fundo humilde e sábio.

O mundo musical que Heron se propõe mostrar-nos é, pois, da ordem das pequenas coisas, dos pequenos gestos e acontecimentos, dos pequenos sinais e dos mais breves olhares: da aranha que percorre, delicada, uma superfície lisa à flor que irrompe da jarra para se recortar da penumbra do entardecer, do desenho da mesa sobre o fundo opaco da parede ao risco que se esqueceu pousado sobre um muro. O seu *dizer* lembra assim o de Morandi, centrado numa *lírica dos objectos*: pode um jarro de vidro sentir? uma janela olhar para aqueles que passam debaixo dela e enternecer-se deles? uma flor num vaso comover-se, ou um rato dançar? Um olhar suspender-se da alegria de ver?

Como em Matisse, em que tudo parece economia e gesto suspenso de uma ininterrupta dança, na pintura de Heron as figuras percorrem, esvoaçando neles, os breves espaços-écrãs dos seus pequenos quadros para nos advertir de que o mundo é, de facto, habitado primeiramente pela simplicidade, pela leveza do gesto, o prazer de repousar sob a doçura suave da luz e do silêncio. Contemplativa e, também ela, quase franciscana, esta é uma *pintura pobre*, votada ao silêncio e à observação sensível do mundo no momento em que, de cada vez, este pode renascer diante dos nossos olhos surpreendidos: essa é a sua profunda e humaníssima lição, delicadamente transcrita em imagens, como se alegorias. O seu pintar quase *tosco* é, então, abrigo mínimo, semelhante do humilde burel que cobre de simplicidade os corpos de certos monges em voto de contemplação e de pobreza, e é a ele que o nosso olhar pede para acercar esse mistério profundo de haver um recomeço em cada novo instante do mundo que assim se dá a ver na sua inocência própria.

A pintura de Heron reclama, de cada vez, ser começo e não processo, olhar inaugural e não cultivado, inocência anterior a todo o saber que depois se formula de outros modos. Como Cézanne há muito nos ensinou, *há um minuto do mundo que passa*, e é precisamente a esse instante sempre inaugural que esta pintura procura dar visibilidade.

Um *dar a ver* que não quer prender mas antes libertar as mínimas intensidades do mundo. Intensidades que, porém, jamais nos gritam ou sobressaltam, porque elas contêm a rima do próprio mundo.

Assim o seu olhar parte de uma contenção essencial, de uma economia íntima e discreta, que é prévia ao próprio ver: ele é pois um modo de tocar ao de leve as coisas, de aflorar sensivelmente o seu simples estar no mundo, em silêncio, a sua condição de aparecer, como se também ele fosse apenas coisa, contíguo à demais coisas. Gesto imprevisto de aflorar o mundo como se numa carícia, o olhar do pintor tateia a luz das coisas, o seu demorado acontecer, detém-se lento sobre a rugosidade ou a lisura que elas podem ter, e procura captá-las sensivelmente, muito mais do que às suas formas.

Os seus fundos são imprecisos, por vezes quase *sujos*, e a tinta corre neles sem os cobrir inteiramente. Ficam suspensos de um inacabar do gesto, de uma suspensão que os deixa vogar antes que a completude os feche num sentido, para que neles o tempo se possa fazer sentir. São como muros, nesse abandono em que parecem repousar, entre os meios tons da tinta e da cor e a leveza da fina camada que os cobre: essa presença da cor na superfície esmaecida diz-nos o tempo, a poalha de luz que o tempo deixa na cal, onde depois cada breve gesto não é mais do que mero sinal. O olhar de Heron toca no mundo e, recebendo-o em quase comunhão, partilha connosco essa possibilidade de encontro, como se pela primeira vez, da luz generosa que o próprio mundo reflecte, desde sempre, sob o nosso olhar surpreso.

Essa é a sua subtil *lição*: lição de brevidade e de silêncio, de um reaprender o fulgor próprio do aparecer do mundo sob a presença simples de cada objecto. Lição de encantamento e de reverência para reaprendermos a olhar.

Bernardo Pinto de Almeida

(Fevereiro-Março 2023)